

AS IDEOLOGIAS

Anton Pannekoek¹

Toda luta social é também uma luta de ideias, de concepções, de pensamentos. Por outro lado, é deste modo que esta luta começa, assim como é desta forma que ela continua.

O ser humano se distingue dos animais por sua consciência, pelo pensamento e ação conscientes. Em geral, a reflexão e a deliberação precedem às suas ações. Mas o ser humano não escapa, sem dúvida, ao fato de que suas ações estão determinadas pelas necessidades de sua existência e marcadas por seus contatos com o mundo exterior, do qual ele extrai seus meios de subsistência, isto é, todo o necessário para manter sua vida. Contudo, no ser humano, a influência do mundo exterior – transmitida por meio dos sentidos – se exerce por um rodeio: assume em primeiro lugar a forma de um conhecimento, de uma compreensão; pensamentos, imagens mentais, conhecimento e compreensão determinam posteriormente sua vontade e seus atos.

Todavia, nem tudo ocorre exatamente desta maneira. Não é uma diferença tão contundente entre o ser humano e o animal; como algumas modificações, o que vale com respeito a um, vale também com respeito ao outro. Como ocorre em todos os organismos, a maior parte das ações cotidianas do ser humano se realiza automaticamente; constituem uma reação imediata às impressões exteriores ou derivam de costumes assimilados desde a infância, e não realizam intervenções explícitas ao cérebro. E nem sequer todas as ações que os seres humanos realizam de modo não automático são objeto de profunda reflexão, nem decididas por uma dedução consciente a partir da experiência. Tudo o que os seres humanos viveram, tudo o que conheceram influi sobre seu espírito, mas frequentemente sem que eles sejam

¹ Tradução de Rubens Vinícius da Silva e revisão de Matheus Almeida, militantes do Movimento Autogestionário. Este texto é o Capítulo 1, do livro 3 – *O Pensamento*, da obra *Os Conselhos Operários*, de Anton Pannekoek, publicado pela primeira vez em 1946. A versão ora apresentada foi traduzida do link <https://www.marxists.org/espanol/pannekoek/1940s/consejosobreros/15.htm> e a revisão efetivada mediante a comparação desta com a tradução realizada pela Editora Zero, publicada em 1977.

conscientes; tudo isso se acumula em forma de experiência, determina suas opiniões e suas atitudes vitais: domina seu subconsciente. E, mais tarde, tudo isso reaparece rapidamente na forma de ações espontâneas ou de opiniões intuitivas, que não se baseiam em nenhum raciocínio explícito, mas que são admitidos de imediato, sem dúvida nem vacilação. Porém, além destas intuições, o ser humano conhece também o pensamento consciente. Cada vez que deve escolher sob a ação de influências contraditórias ou no curso de transformações e de lutas, cada vez que vacila ou dúvida, cada vez que se dá conta de que a ação foi espontânea, irrefletida, põe-se a pensar de modo consciente. E reúne as imagens mentais e as ideias que desenvolve em tais ocasiões, comparando-as entre si e terminando por fazê-las tomar uma forma coerente, a forma de um sistema de ideias, de uma ideologia.

A ideologia de um ser humano é parte de sua concepção do mundo. Esta concepção do mundo é uma soma, uma prática vital, certa atitude frente à existência e aos outros seres humanos, que se manifesta de maneira inconsciente em todos os seus atos, em todos os seus hábitos; é uma visão da sociedade do trabalho que é encontrada novamente sob uma forma mais consciente em suas ideias, suas concepções sobre o direito, suas opiniões políticas, sua religião. Na vida prática, o ser humano se dá conta de que o que em geral é útil e necessário é o que ele considera bom e que a maneira como deve se comportar em suas relações com os outros seres humanos é o que designa com o nome de costume e moral. O ser humano realiza esta experiência de maneira mais ou menos consciente, e esta consciência depende da amplitude dos conhecimentos que têm das forças mais ou menos gerais, e com frequência muito poderosas, cuja ação não pode prever, mas que determinam sua sorte. Está na natureza do espírito humano considerar como essencial e permanente o que vê que se repete da mesma maneira em intervalos regulares, pois somente a partir disso pode calcular e determinar suas ações posteriores. É a partir da experiência vital que se formam noções acerca do que é em geral (e, por conseguinte, de modo essencial e permanente) bom, mau, justo, moral. Assim se formam as ideias gerais sobre as forças que dominam o mundo, que decidem acerca da vida e da sorte do ser humano, do passado e do futuro, dos objetivos e do sentido da vida. E todas estas noções se desenvolvem e se reúnem, constituem uma ideologia, a qual se manterá sólida enquanto o modo de produção (e, por conseguinte,

as formas de existência das quais ela provem) seja bom e permaneça sem mudanças durante um bom tempo. Mas então a ideologia se converte num conjunto de verdades intocáveis, sagradas, e se petrifica. Isso não impede que estas verdades continuem sendo ensinadas à juventude, que sejam apresentadas como a herança espiritual da sabedoria de seus antepassados, que seja exigido que estas lhes sejam impregnadas, para com isso se adaptar de modo mais rápido e fácil à sociedade vigente.

Mas a sociedade se desenvolve e, no curso dos séculos recentes, com uma rapidez cada vez maior, as formas de trabalho se modificam. As relações entre os seres humanos, sua atitude com relação ao trabalho, à Natureza, à sociedade, às forças superiores que os dominam, também evoluem. E isto determina uma evolução dos pontos de vista acerca da vida e do mundo. Nascem novas noções nas mentes e (o que é mais importante) as velhas concepções tradicionais entram em conflito com as ideias novas, que são ordenadas numa concepção de mundo inteiramente nova. Quando a burguesia nasceu, teve de enfrentar as velhas concepções de solidariedade social (fidelidade e vassalagem ao senhor, obrigações com as corporações) e as novas ideias sobre a liberdade do indivíduo e o desenvolvimento da personalidade (livre disposição da vida e da própria sorte, reivindicação dos direitos humanos e dos cidadãos). E nesse caso não se tratava de algumas ideias novas e isoladas, mas sim prática e fundamentalmente de um conjunto de novas leis e de novas instituições indispensáveis para a satisfação das novas necessidades sociais. Justamente para instaurá-las foi que começou a luta. Tanto a necessidade que alguém experimenta como o objetivo que se fixa (e que estão na origem da luta por uma mudança na política e no direito e de onde tiram suas forças) estão ancorados na prática. Mas os objetivos que os seres humanos querem alcançar praticamente na política e o direito somente são vistos como uma consequência das ideias novas.

Assim, a luta para edificar uma nova sociedade, um novo modo de produção, assume a forma de uma luta de ideias, de uma luta entre concepções de mundo. E a concepção nova não está ligada, para seus partidários, a uma aplicação prática, e, portanto, limitada: aparece-lhes como uma verdade absoluta, sempre boa e definitivamente geral. Mas em que pese isto, não se trata de uma abstração estéril. As ideias novas brotam como uma flor fresca e plena de seiva, a partir de uma realidade

bem viva... E a nova concepção de mundo se mostra frente à velha ideologia, completamente esterilizada, transformada numa espécie de objeto sagrado, que pretende ser a verdade absoluta, imutável, e que busca utilizar sua autoridade para impedir todas as modificações, não obstante necessárias, das instituições sociais. As velhas ideologias são verdades de ontem, hoje petrificadas, que se opõem à verdade nova, pois continuam considerando a si mesmas como a verdade absoluta e, conseqüentemente, eterna.

No curso do desenvolvimento das sociedades humanas, a luta de uma classe para estabelecer um novo modo de produção foi sempre, simultaneamente, uma luta para fazer triunfar novas ideias gerais. E aos olhos dos seres humanos esta luta aparece com frequência como uma simples luta ideológica. Para a burguesia, tratava-se de uma luta entre uma nova concepção do Direito e da liberdade, e a doutrina antiga, que se apoiava sob a religião e sob uma forma específica da solidariedade social. Mas não se esquecia, naturalmente e nem por um instante, do verdadeiro conteúdo material: os objetivos econômicos. No decurso da Revolução Francesa, por exemplo, a burguesia se aplicava – e esta era a questão mais importante – à instauração de leis que garantissem as liberdades que lhe permitiam exercer suas atividades, restringindo, quando necessário, a liberdade dos demais (por exemplo, dos trabalhadores), destruindo as instituições feudais que travavam sua liberdade de ação. Mas a realização destes objetivos práticos aparecia como a aplicação de novos princípios gerais, que nesse momento eram concebidos como uma verdade prestigiosa.

Este revestimento ideológico sob o qual se dissimulavam os interesses de classe voltaremos a encontrar no século XIX, mas mais difícil de conhecer porque ele então é misturado às consignas do passado, inteiramente abstratas, porque a luta da classe burguesa diminuía em intensidade. Mas nas ocasiões em que esta luta seguia sendo suficientemente intensa como também para dominar a sociedade, os partidos políticos expressavam claramente os interesses em luta. Em que pese os princípios, as consignas pelas quais se referiam seus programas, haviam tomado a forma de ideias gerais e abstratas, se referiam a concepções de mundo, ademais completamente divergentes. Os liberais representavam a burguesia, e mais particularmente a burguesia industrial: reivindicavam a liberdade, o acesso ao conhecimento, o progresso. Os conservadores

representavam os latifundiários e a riqueza do antigo mundo: junto com os partidos cristãos, pequeno-burgueses e camponeses, exigiam a manutenção da autoridade, promoviam a obediência, defendiam a fé e a tradição. Junto a eles os socialistas (portavozes dos operários), falavam da teoria de Marx, da abolição de toda exploração pelo desenvolvimento da luta de classes. Todos se batiam em nome da verdade, da realidade de suas ideias gerais e abstratas; apoiando-se sobre o modo de vida de sua própria classe, estavam convencidos de ter razão, e em tudo isto o fundamento econômico, a essência profunda, o verdadeiro fim da luta, permanecia em segundo plano.

Além disso, havia outra diferença bastante característica entre a classe dominante e a classe explorada. Para a burguesia, localizada à cabeça por obra do desenvolvimento econômico, em plena posse de seu poderio, dona do futuro, a ideologia e a prática estavam em perfeita harmonia. Sabia perfeitamente assegurar a defesa de seus interesses, fazendo o exercício prático de seus princípios. Por outro lado, para a pequena-burguesia não havia saída: primeiro a burguesia começou por instalar o capitalismo, e uma vez estabelecida esta sociedade, a pequena-burguesia precisou se submeter à competição, conheceu os fracassos e se tornou incapaz de resistir à burguesia. É por isso que sua ideologia não podia ser senão uma teoria abstrata, e cujo caráter abstrato iria se acentuando até isolar-se completamente do mundo real. Enquanto aos operários, que formavam uma classe nascente, a luta ideológica era apenas uma parte de sua lenta e progressiva tomada de consciência daquilo que eram. A classe operária acabava de se formar a partir de elementos arruinados da pequena-burguesia e do campesinato, os quais traziam consigo as crenças e as convicções de seu ambiente familiar. Lentamente, sob a influência de seu novo modo de vida, tornaram-se receptivos a novas ideias, adotavam novas concepções que expressavam sua nova situação e seus novos interesses de classe. Mas enquanto a luta política se dedicava principalmente à ideologia, estes eram apenas princípios gerais, uma luta entre uma tradição que continuava apreciando a ideias novas que aceitavam hesitando e que, em consequência, fazem progressos extremamente lentos.

Hoje a ideologia se transformou num fator de peso na luta de classes. Para a classe dominante é muito importante limitar esta luta ao terreno ideológico. Com efeito, todas as tradições, todo o poderio das antigas fórmulas, todos os hábitos de

pensamento atuam então em seu favor, porque impedem aos operários considerar a nova situação sem prejuízos. A força dos operários, ao contrário, resulta de uma compreensão clara das novas realidades da vida. As antigas ideologias unem aos seres humanos e os opõem em grupos que nada têm que ver com as diferenças de classe e os interesses reais da vida. Exploradores e explorados se encontram assim em uma mesma Igreja, em um mesmo partido, em uma mesma nação, e se comportam como estrangeiros e inimigos frente a outras Igrejas, partidos e nações, que também agrupam exploradores e explorados. Os operários só poderão empregar todo o seu poderio se realizarem sua unidade de classe, por cima e contra estas divisões do passado. Mas os operários não formam uma massa homogênea, com um pensamento uniforme. Suas origens, seu passado, fazem com que haja diferenças religiosas e políticas no seio da classe operária. Enquanto os operários estiverem divididos (em disputas sobre questões de religião, de liberalismo, de anarquismo, de socialismo), carecerão de força. É por isso que a classe dominante, guiada por seu instinto, trata de manter esta divisão, apresentando as diferenças ideológicas como algo de importância primordial. E tais diferenças são de imediato (ainda que estejam privadas de todo apoio real e remontem ao passado) colocadas em primeiro plano para quebrar a unidade dos operários. A unidade da classe operária só pode se reforçar quando toda a atenção se dirija até à realidade e os operários dediquem-se em sua grande e única tarefa: a transformação econômica da sociedade. Devem fazer com que a produção fique sob seu controle, devem converter-se em donos de seu trabalho e de seus meios de trabalho, antes de poder produzir a opulência para todos: é uma tarefa prática, que não tem nada que ver com as ideologias tradicionais, quaisquer que sejam. Os interesses práticos e as necessidades da vida: estas são as forças que impulsionam os operários a se associarem e formarem finalmente uma sólida unidade.

A classe operária que luta por sua libertação se encontra numa situação mais favorável que as classes que antes lutavam pelo poder – por exemplo, a burguesia –, porque tem a possibilidade de compreender claramente a origem das ideias e das ideologias. Com efeito, o domínio das forças sociais exige que os seres humanos tenham se tornado eles próprios os donos de todas essas forças, e que, por conseguinte, compreendam-nas. O domínio prático, real, está indissolivelmente ligado ao domínio

intelectual e espiritual. A ciência da qual eles dispõem ensina que não é a consciência que determina o ser, mas sim que é a sociedade quem determina a consciência. O pensamento não se antecipa à realidade², senão que é uma consequência desta última. E isto não somente no sentido de que apenas a sociedade, as relações entre os seres humanos na vida e no trabalho, podem fazer nascer o desejo, a ideia e a vontade de mudar o trabalho e a sociedade, mas que também no sentido de que as necessidades práticas imediatas forçam a atuar e a reagir, a efetuar uma avaliação simples do que é útil e realizável, e que isso influencia na valoração que alguém pode fazer de seus próprios atos. Na luta pela economia nova, pela organização da produção pelos próprios produtores, é que se podem abandonar todas as diferenças ideológicas. Não há nada que fazer aqui. A força dos operários não consiste em tratar de ganhar seus camaradas em favor de ideias abstratas acerca das quais podem estar ainda divididos, mas sim de ganhá-los para ideias sociais práticas sobre as quais todos devem ter uma mesma opinião.

Mas esta prática mesma, esta maneira de lutar, não deixa de influir sobre as velhas ideologias; e justamente porque não se ocupa delas. Precisamente porque as velhas ideologias estão fora da vida prática, que é o mais importante, essas ideologias perdem sua força. Ainda que sejam herdeiras de um passado longínquo, não deixaram de ser utilizadas na prática: o operário pobre encontrava frequentemente, na sua miséria, uma ajuda espiritual e material no seio da comunidade religiosa; ademais, quando ao ser submetido à opressão do empresário todo-poderoso, via-se reduzido à impotência e privado de todo direito cívico, pôde encontrar um certo apoio nos filantropos e políticos burgueses radicalizados, que levavam à sério o ideal da liberdade burguesa. Mas quando os operários começam a lutar por si mesmos, tudo muda.

² Nota dos tradutores: Embora Pannekoek nesta passagem se refira à consciência como resultado da realidade atual, o próprio desenvolvimento do marxismo enquanto expressão teórica do movimento revolucionário do proletariado atesta que existe a possibilidade de, no processo de desenvolvimento teórico (que por sua vez tende a avançar com o avanço das lutas proletárias), haver uma consciência antecipadora das transformações da realidade, da constituição de uma nova realidade, tal como autores como Ernst Bloch defendem. Assim, o marxismo é a consciência portadora do futuro, pois além de expressar os interesses históricos da classe potencialmente revolucionária de nosso tempo – o proletariado – pode fazê-lo também por não ter compromisso algum com a manutenção da sociedade capitalista. Isso implica dizer que a luta cultural (“ideológica”, nos termos usados por Pannekoek) significa sustentar, desenvolver e aprofundar tal consciência futurista (isto é, antecipadora) mesmo em momentos de estabilização da luta de classes.

Aprendem a ter confiança em sua própria força, quer dizer, na força da comunidade e da solidariedade. Veem que suas condições de vida determinam seu verdadeiro ser; que a causa de sua miséria é uma certa estrutura econômica; que a abolição desta miséria requer uma revolução econômica, e que esta é viável; veem que as causas materiais que determinam realmente suas vidas e as forças que atuam e se dão conta de que eles podem dominá-las. As antigas formas de pensamento (sejam as relacionadas com um poder superior que dirige o mundo, ou que promovam a ideia de uma liberdade abstrata e magnífica) não servem de nada. Herdadas do passado, estão inteiramente fora da prática real e predominante na vida dos operários: não são utilizadas nem utilizáveis nos problemas que levantam em seu trabalho, em todas as dificuldades que levantam as decisões a serem tomadas e que neste momento ocupam toda sua atividade consciente. Subsiste ainda um pequeníssimo lugar de sua consciência onde se mantem uma recordação do costume antigo, mas isto já não tem nada que ver com a vida, viva e ativa. Um órgão corporal se atrofia se não é utilizado, se torna impotente, se esgota e, a longo prazo, termina por desaparecer: o mesmo ocorre com as formas de pensamento não utilizadas.

Eis aqui como morrem as velhas ideologias. Entretanto, se o objetivo é acelerar este processo natural (seja pela repressão ou pela proibição), chega-se de fato a dar-lhe uma vida nova, porque se promovem de novo os velhos argumentos, volta-se a repeti-los, o que equivale a fazê-los reviver, pois estes argumentos encontram na sobrevivência do passado bases bastante concretas as quais se aderir. Mas quando reina uma atmosfera onde a consciência pode se desenvolver livremente, assim como a discussão – atmosfera tão importante para uma classe que ascende como a atmosfera de opressão e de censura para a classe dominante que declina – as velhas ideologias são impotentes para impedir o desenvolvimento de novas ideias que nascem na mente dos seres humanos.

A transformação do modo de produção não exige nada mais, a partir do ponto de vista geral, que uma compreensão clara e nítida da utilidade e da necessidade de instaurar novas formas de trabalho e de propriedade. Mas estas novas formas significam uma revolução tão profunda do mundo inteiro, que exigem uma luta mundial que ponha em jogo todas as forças e toda a paixão dos seres humanos. É nesta luta, que apresenta

tantas dificuldades nas decisões a tomar, que implica escolhas de máxima importância, na tensão que cria a ação, nos problemas que suscita a construção nova, nas discussões onde se revelam tantas divergências profundas entre as opiniões, que o pensamento se vê estimulado, que aponta para conclusões cujo alcance é cada vez maior, que as ideias cada vez mais fundamentais vão sendo formuladas. Então florescem milhares de ideias novas. E estas ideias terminam por se unir num conjunto coerente: então nasce uma nova concepção do mundo. Mas não se trata de uma teoria completa, fechada, que deva reinar como um novo sistema de pensamento ou inclusive ser imposta pela força. Pois nesta atmosfera de desenvolvimento sem fronteiras, onde aparecem sem cessar impulsos sempre novos, novas maneiras de sentir e de pensar, somente se observa um crescimento espontâneo, um florescimento da atividade espiritual dos seres humanos: a vida espiritual se enriquece, a atitude frente à vida se torna mais harmoniosa. No extremo oposto da escravidão espiritual na qual as gerações anteriores acreditavam que deviam se enclausurar para preservar sua segurança, abre-se um caminho; a partir desta liberdade espiritual que é indispensável para resolver os problemas sociais, toda uma infinidade de formas de vida cultural, sem travas, tal como se desenvolve irresistivelmente uma planta quando se muda de um lugar escuro ao sol pleno. E esta mudança corresponde também a uma mudança econômica que não é imposta por uma ordem vinda do exterior, mas que é resultado da autodeterminação da Humanidade trabalhadora que, em completa liberdade, regula o modo de produção segundo sua própria concepção.

No começo, quando os operários se encontram ainda esmagadoramente subjugados sob o jugo capitalista, experimentam uma vida sentimental nova que nasce da solidariedade no trabalho e na luta. É uma solidariedade que se forma e que deve ser cada vez mais reforçada a partir da experiência que cada um faz, e que mostra que quando alguém permanece isolado é impotente frente ao capital, e que justamente é somente esta solidariedade que dá forças suficientes para obter condições dignas de vida. E na medida em que a luta se endurece, que exige mais de cada um, quer dizer, que se transforma numa luta travada para que a classe operária obtenha o controle da sociedade e do trabalho, domínio do qual dependem a vida e o futuro, a coesão entre os trabalhadores (cuja ausência acarretaria a derrota e a destruição) deve se transformar

numa unidade indestrutível, na qual cada um se coloca a serviço de todos e se sacrifica pela comunidade. Surge então um caráter inteiramente novo: o sentimento social, e este sentimento se estende para toda a classe e domina tudo: extingue o antigo egoísmo do mundo burguês. É o nascimento balbuciante do novo ser humano.

Mas este caráter não é inteiramente novo. Em outras épocas, no amanhecer do mundo, as tribos, onde existiam formas comunistas primitivas de trabalho, conheciam um sentimento intenso de solidariedade. O indivíduo estava inteiramente ligado à tribo; não era nada fora dela. É por isso que, durante suas ações, sua pessoa deveria desaparecer diante do interesse e da honra de sua tribo; instintivamente todas as forças individuais se punham a serviço da comunidade. Mas nessa época o ser humano estava ainda pouco evoluído e a Natureza fazia dele um membro da tribo e nada mais, ligado estreitamente a esta base natural. Desde então, os seres humanos se dispersaram, separando-se uns dos outros; se transformaram em produtores independentes que trabalhavam no interior de pequenas empresas. O sentimento de solidariedade então declinou: logo cedeu lugar a um poderoso individualismo que quer que o indivíduo seja seu próprio dono e o objeto central, ao qual se vinculem todos os interesses e sentimentos. Este poderoso sentimento da personalidade, que representa um novo tipo de consciência, se desenvolveu durante séculos de produção burguesa. E não desaparecerá nunca, porque quando os trabalhadores dominarem as forças produtivas e se tornarem donos delas, os produtores desenvolverão sua personalidade e a consciência que possuem numa medida jamais alcançada. Aparecerá então um novo caráter, que irá realizar a fusão entre a personalidade individual e o sentimento comunitário. Sem dúvida, no período burguês o ser humano foi um ser social; mas de forma inconsciente, disfarçado sob afirmação orgulhosa de sua personalidade e de sua independência. Mas agora se desenvolverá a consciência de que existe coerência entre a sociedade e o ser humano, consciência que enriquecerá e aperfeiçoará a concepção que este tem do mundo. Em princípio, isso ocorre de modo instintivo: e na prática toma a forma de uma espécie de sentimento, o da fraternidade entre todos os membros da Humanidade; mas também ocorre de modo consciente e no plano teórico, nesta compreensão clara da maneira em que todas as forças que determinam a personalidade resultam de uma interação entre o indivíduo e a sociedade.

O sacrifício entusiasta do indivíduo pela salvação de sua classe (do qual a revolução operária nos dá exemplo) tampouco é uma coisa nova. Podemos ver tais sacrifícios no curso das revoluções passadas: por exemplo, no caso das revoluções burguesas. O entusiasmo inflamado, a audácia heroica, o sacrifício sem vacilações por novas ideias – em realidade, pelos interesses fundamentais da comunidade de classe – fazem destes períodos – como, por exemplo, a Revolução Francesa ou mais tarde a reunificação italiana com os exércitos de Garibaldi – os momentos mais bonitos da história burguesa. Levados às nuvens pelos teóricos que viveram mais tarde, cantados pelos poetas, estes são períodos magníficos, mas para sempre passados. Pois, na prática, a sociedade burguesa, que resultou destas revoluções, estabeleceu a dominação do Capital, com a oposição entre a riqueza mais insultante e a miséria mais sórdida, com a perseguição do lucro como atividade essencial dos burgueses, a carreira como meta da vida dos intelectuais, em poucas palavras, o reino do egoísmo, e sua decepção é uma diferença fundamental entre o nascimento da burguesia e a luta da classe operária que acaba de começar. Para a burguesia o sentimento de solidariedade era somente uma necessidade temporária, que não valia mais do que no período da conquista do Poder (e cedeu seu lugar a uma luta encarniçada e destrutiva de uns contra outros). Para a classe operária o sentimento de solidariedade que nasce na luta por sua libertação é o fundamento de uma produção comum, que além do mais reforça e exalta tais qualidades.

Desde o momento em que o novo modo de produção se instala solidamente, a vitória é obtida ou aparece no horizonte, nasce um novo sentimento que muda e renova toda a concepção da vida. É o sentimento de que a vida está assegurada. A Humanidade se vê enfim liberta da preocupação permanente que representava a manutenção da vida. Durante todos os séculos passados a vida nunca não esteve garantida; inclusive durante os períodos de prosperidade temporária, por detrás da ilusão de um bem-estar permanente ficava no fundo do subconsciente uma inquietude em relação ao futuro. Esta inquietude, que pesava gravemente sobre o desenvolvimento do livre pensamento e travava o desenvolvimento de todas as forças espirituais, caracterizou durante séculos a atividade cerebral. Nós, que ainda nos encontramos sob sua influência, não podemos imaginar como sua desapareção mudará a concepção da vida. Junto com a

angústia desaparecerão as ilusões que ontem serviam ao ser humano para diminuir esta angústia. Todas as velhas ideologias que no passado cercavam como uma armadura a vida intelectual e sentimental do ser humano, se fundirão como a neve no sol da primavera. Em seu lugar florescerão a consciência e a certeza de que o ser humano é verdadeiramente dono de sua existência e de sua sorte, de que a ciência é acessível a todos e trabalha pelo bem-estar de todos, e florescerá também esta beleza intelectual que é uma concepção universal do mundo.

Para a classe operária, o processo de declínio das velhas ideologias coincide com a tomada gradual de consciência da tarefa que lhe aguarda, com o crescimento natural de sua unidade e de sua força. Por conseguinte, não é necessário fazer um estudo detalhado da ideologia e de sua influência sobre a luta de classes, como se fosse uma força independente. Mas a situação é totalmente distinta quando se trata de outras classes e não da classe operária: para as classes burguesas, que ainda vivem e trabalham na esfera da pequena empresa e do pequeno Capital, a vida espiritual é, sem dúvida, de um tipo completamente burguês e está determinada pela ideologia burguesa. É certo que a prática econômica destas classes está submetida à defesa de seus interesses materiais reais, mas na expressão de sua política se trata apenas de concepções de outra época e de velhos “slogans”. É porque são tão facilmente uma presa para o grande Capital, que sabe utilizá-las para manter a dominação capitalista. Tanto para a pequena burguesia como para o campesinato a propriedade individual é sagrada; e este ponto de vista domina todas as suas ideias: sem contar que, além do mais, está reforçado pela religião. Soma-se a isto o fato de que os intelectuais e os pequeno-burgueses se encontram do lado do grande Capital e se opõem à classe operária cada vez que apelam a seu ideal, a sua ideologia nacionalista.

Como pode ser que estas classes atuam contra seus reais interesses? As ideologias e os princípios expressam o que há de essencial e de geral nas experiências vividas e nos interesses que alguém defende. Trata-se de interesses permanentes de toda a classe em seu conjunto, que se expressam numa forma abstrata, idealizada, e que podem entrar em conflito com os interesses temporários de certas pessoas ou com as conclusões que estas podem extrair de uma experiência particular. As ideologias e os princípios ocupam assim o lugar mais elevado na consciência humana: os interesses

personais, as obrigações temporárias, todas estas pequenas contingências devem lhes dar a passagem. Isto explica o papel conservador das ideologias na luta social. O grande Capital pisoteia os interesses dos pequeno-burgueses e dos camponeses? É-lhes dito que seus interesses pessoais e contingentes devem ser sacrificados no altar dos princípios sagrados e eternos, para o maior bem da ordem moral e universal, a qual prescreve a obediência e o respeito pela propriedade privada. Ou então, se proclama que para a grandeza da Pátria, para a causa da Nação, nenhum sacrifício é grande o bastante. Este papel da ideologia (que consiste em evitar uma transformação fundamental do mundo) só pode ser combatido de forma eficaz examinando a opressão que hoje reina e a luta que se desenvolve contra ela a luz do desenvolvimento geral, e tendo em conta os grandes interesses; dito de outro modo, utilizando o conhecimento da sociedade. Mas as classes aqui examinadas aceitarão tais conclusões? Não irão ceder sobretudo a um cego fanatismo, forma na qual expressam as velhas ideologias que querem obstruir o caminho do progresso?

Com efeito, a História nos ensina que frequentemente, durante os períodos revolucionários, o fanatismo – com frequência bastante religioso – de massas de seres humanos pobres e estúpidas foi utilizado pelos antigos dominadores para impedir todo o progresso, e que esta força reacionária só podia ser vencida ao preço de pesados sacrifícios e de muitas vítimas. Os relatos históricos somente nos conservaram “slogans” apaixonados, destinados a inflamar cada uma das partes em luta, a empurrá-las ao sacrifício, ao ódio do inimigo: Liberdade, Pátria, Rei, Religião. E se descobre com tristeza que não era apenas uma cegueira fanática que se opunha ao progresso e defendia certos interesses, pois a nova ordem e as novas vias lesaram de fato gravemente (e inclusive conduziram à irremediável infelicidade) àqueles que viviam segundo os velhos hábitos. A história burguesa não poderia dizer explicitamente que a finalidade das revoluções burguesas era instalar uma forma nova - frequentemente mais desapiadada - de exploração, que conduzia as classes mais débeis à derrota e à miséria. É por isso que o que à primeira vista pode parecer uma adesão fanática e imbecil às velhas ideologias, mostra-se posteriormente como uma intuição justa do fato de que as coisas novas não eram de todo boas: como um protesto espontâneo contra a nova opressão.

É por isso que se pode perguntar se os ensinamentos acerca do papel das ideologias que é possível extrair das revoluções passadas são muito úteis para a futura revolução operária. Esta não desembocará em uma nova dominação de classe nem em uma nova forma de exploração e opressão. A transformação da sociedade que fará das classes produtoras donas da produção é uma libertação coletiva que se estende a todos os seres humanos: somente as classes exploradoras serão atacadas e em seus interesses de exploradores. Tal é a diferença fundamental entre a revolução operária futura e as revoluções burguesas do passado.

Naturalmente, isto não quer dizer que se deva conservar a ilusão de que se poderá evitar uma luta entre a classe pequeno-burguesa e a classe operária. A pequena burguesia também será lançada à luta; trará para si tudo o que possui como armas e bagagens espirituais, que estão dominados por dogmas fixos, modos de pensamento burguês, velhas ideologias, e que permanecem na ignorância completa do funcionamento da sociedade. Assim como a classe operária somente chegará à unidade e à compreensão clara de seus fins através de um longo período de luta no qual fará sua autoeducação, a pequena burguesia só compreenderá onde reside seu verdadeiro interesse (frente ao grande Capital) passando por um período de aprendizagem, de penosas experiências e de cruéis decepções. E já será muito se permanecer imparcial na luta entre a classe operária e o grande Capital, sem se comprometer cegamente ao serviço deste último. Com efeito, a razão de sua maneira de pensar perseguirá com frequência objetivos falaciosos, que não correspondem ao desenvolvimento social necessário; e também terá que lutar muito contra isso. E uma vez mais se verá que no terreno da luta ideológica, onde determinadas doutrinas se enfrentam contra outras, as velhas ideologias recuperam seu vigor porque se promovem os velhos argumentos, agudizam-se as contradições por causa da incompreensão, o que faz com que a luta seja ainda mais amarga. Contudo, se uma propaganda metódica desentranha claramente a realidade social, mostra onde estão os interesses econômicos, insiste na coesão do mundo do trabalho e faz ver que o desenvolvimento deste pode conduzir a uma verdadeira comunidade dos trabalhadores; e se, por outra parte, a prática dos operários coincide com esta propaganda, e se existe uma verdadeira comunidade de interesses, nascerá então a consciência dessa comunidade: a classe operária, classe que se encontra

à frente do desenvolvimento e que representa o futuro, vencerá, por si só, o poder da ideologia partindo da realidade, em todos os seus atos e em todas as suas teorias.